

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Death Cure*

Autor: *James Dashner*

Copyright © 2011 by James Dashner

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: *Marta Mendonça*

Ilustração da capa: © *Chris Stoker, 2010*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2014

Depósito legal n.º 379 367/14

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Este livro é dedicado à minha mãe — o melhor ser humano
que alguma vez existiu.*

CAPÍTULO UM

Foi o cheiro que começou a dar com Thomas ligeiramente em doido. Não o facto de estar sozinho há mais de três semanas. Não foi o teto, o chão nem as paredes brancas. Nem a falta de janelas ou o facto de nunca desligarem as luzes. Nada disso. Tinham-lhe tirado o relógio; alimentavam-no com a mesma comida três vezes por dia — um pedaço de fiambre, puré de batata, cenouras cruas, uma fatia de pão, água —, nunca falavam com ele, nunca deixavam ninguém entrar na divisão. Nada de livros, filmes ou jogos.

Isolamento total. Há mais de três semanas, embora ele tivesse começado a duvidar da sua própria noção do tempo — com base unicamente no seu instinto. Tentava calcular quando é que anoitecia e certificava-se de que dormia apenas o que lhe parecia ser o número de horas normais. As refeições também ajudavam, embora não lhas dessem a intervalos regulares. Como se a ideia fosse realmente desorientá-lo.

Sozinho. Numa divisão acolchoada desprovida de cor — à exceção de uma sanita de inox praticamente escondida no canto e de uma secretária de madeira antiga que não tinha qualquer utilidade para Thomas. Sozinho no silêncio ensurdecador, com tempo ilimitado para pensar na doença que estava a apodrecê-lo por dentro: o Fulgor, esse vírus silencioso e progressivo que aos poucos se apoderava de tudo o que era humano.

Nada disso lhe dava cabo da cabeça.

Porém, ele tresandava e por algum motivo isso deixava-o com os nervos em franja, trespassando-lhe a carapaça da sanidade. Não o deixavam tomar banho ou lavar-se e não recebia uma muda de roupa, ou algo para limpar o corpo, desde que chegara. Um simples trapo teria ajudado; poderia mergulhá-lo na água que lhe davam para beber e lavar a cara, pelo menos. Mas não tinha nada, somente as vestes sujas que usava desde que o tinham enclausurado. Nem sequer tinha roupa de cama — dormia todo encolhido, com o rabo encostado ao canto da divisão, os braços cruzados sobre si mesmo, na tentativa de se aquecer, e muitas vezes a tremer de frio.

Não sabia por que razão o fedor do seu próprio corpo era a coisa que mais o assustava. Talvez isso fosse um sinal de que ele tinha enlouquecido. Mas por algum motivo a sua falta de higiene não lhe saía da cabeça, dando origem aos pensamentos mais horrorosos. Era como se estivesse a apodrecer, em decomposição, as entranhas a ficarem tão nauseabundas como ele se sentia por fora.

Era isso que o preocupava, por muito irracional que parecesse. Tinha bastante comida e água suficiente para matar a sede; descansava imenso e exercitava-se o melhor que podia nessa divisão pequena, muitas vezes correndo sem sair do mesmo lugar durante várias horas. A lógica dizia-lhe que a sujidade não tinha qualquer relação com a força do coração ou com o funcionamento dos pulmões. Ainda assim, a mente dele começava a acreditar que o fedor constante representava a proximidade da morte, prestes a tragá-lo por completo.

Por sua vez, esses pensamentos sombrios começavam a fazê-lo questionar se Teresa teria dito a verdade na última vez que tinham falado, quando ela dissera que era demasiado tarde para Thomas e insistira que ele sucumbiria rapidamente ao Fulgor, enlouquecendo e tornando-se violento. Que perdera a sanidade *muito antes* de entrar naquele lugar pavoroso. Inclusivamente, Brenda alertara-o para o facto de as coisas estarem prestes a piorar. Talvez ambas estivessem certas.

E, subjacente a tudo isso, havia a preocupação com os amigos. O que lhes teria acontecido? Onde estariam? O que é que

o Fulgor estaria a fazer às mentes deles? Depois de tudo a que tinham sido sujeitos, era assim que iriam acabar?

A raiva começou a apoderar-se dele. Qual rato trémulo em busca de um pouco de calor, de uma migalha de comida. E, a cada dia que passava, a raiva crescia dentro dele com uma intensidade tal que Thomas por vezes dava por si a tremer incontavelmente antes de conseguir conter a fúria e guardá-la para ele. Não queria livrar-se dela; apenas queria contê-la e deixá-la acumular. Esperar pelo momento certo, o lugar certo, para a descarregar. A CRUEL era responsável pelo que lhe estava a acontecer. A CRUEL tinha-lhe roubado a vida, a ele e aos amigos, e estava a usá-los para quaisquer propósitos que entendia serem necessários. Independentemente das consequências.

E, por esse motivo, iriam pagar. Thomas jurava-o para si mesmo milhares de vezes por dia.

Todos esses pensamentos ocupavam-lhe a mente enquanto estava sentado, encostado à parede, virado para a porta — e para a feia secretária de madeira à frente da mesma —, no que ele julgava ser o seu vigésimo segundo dia de cativo nessa divisão branca. Fazia sempre a mesma coisa — depois de tomar o pequeno-almoço, depois de fazer exercício. Na esperança ténue de que a porta se abrisse — que se *abrisse* realmente, por completo —, a porta toda, não apenas a pequena ranhura no fundo por onde eles faziam passar as refeições.

Já tinha tentado abrir a porta inúmeras vezes. E as gavetas da secretária estavam vazias, não tinham nada exceto um cheiro a bafio e a madeira de cedro. Espreitava-as todas as manhãs, para o caso de algo se ter materializado como por magia enquanto ele dormia. Esse tipo de coisa acontecia às vezes, quando se lidava com a CRUEL.

Portanto, ele estava sentado, a fitar a dita porta. À espera. Paredes brancas e silêncio. O cheiro do seu próprio corpo. Entregue a pensamentos sobre os amigos — Minho, Newt, Frypan e os restantes Clareirenses que ainda estavam vivos. Brenda e Jorge, que tinham desaparecido por completo após o salvamento no enorme Berg. Harriet e Sonya, as outras raparigas do Grupo B, Aris. Sobre Brenda e o aviso que ela lhe tinha feito

da primeira vez que ele acordara na divisão branca. Como é que ela conseguira falar na cabeça dele? Estaria do lado dele ou não?

Mas, acima de tudo, pensava em Teresa. Não a conseguia tirar da cabeça, apesar de a odiar cada vez mais. As últimas palavras que ela lhe dissera foram «CRUEL é bom» e, bem ou mal, aos olhos de Thomas ela passara a representar todas as coisas terríveis que tinham acontecido. Sempre que pensava nela, sentia-se fervilhar de raiva.

Talvez essa raiva fosse a última coisa que o mantinha agarrado à sanidade, enquanto esperava.

Comer. Dormir. Fazer exercício. Sede de vingança. Foi o que ele fez durante mais três dias. Sozinho.

Ao vigésimo sexto dia, a porta abriu-se.

CAPÍTULO DOIS

Thomas tinha-o imaginado, inúmeras vezes. O que faria, o que diria. A forma como se lançaria a quem entrasse na divisão, tentando safar-se, fugir, escapar. Contudo, esses pensamentos eram mais para seu entretenimento pessoal do que outra coisa. Sabia que a CRUEL não permitiria que tal acontecesse. Não, ele teria de planejar cada pormenor antes de avançar.

Quando aconteceu *de facto* — quando a porta se abriu com um som levemente soprado e depois se abriu completamente para trás —, Thomas ficou surpreso com a sua própria reação: não fez nada. Algo lhe dizia que uma barreira invisível se erguera entre ele e a secretária — tal como tinha acontecido nos dormitórios após terem saído do Labirinto. O momento de agir não tinha chegado. Ainda.

Ficou apenas ligeiramente espantado quando viu entrar o Homem Rato — o tipo que tinha contado aos Clareirenses tudo sobre a última experiência que foram forçados a levar a cabo, na Terra Queimada. O mesmo nariz comprido, os mesmos olhos de fuinha; o cabelo oleoso, penteado por cima da careca evidente que lhe ocupava metade da cabeça. O mesmo fato branco ridículo. Parecia mais pálido do que da última vez que Thomas o vira, porém, e trazia uma pasta grossa cheia de dezenas de papéis amarfanhados e mal arrumados enfiada na dobra do cotovelo, e arrastava uma cadeira de costas direitas.

— Bom dia, Thomas — cumprimentou ele, com um aceno tenso da cabeça. Sem esperar pela resposta, fechou a porta, pôs a cadeira atrás da secretária e sentou-se. Pousou a pasta à sua frente, abriu-a e começou a folhear as páginas. Quando encontrou o que procurava, parou e pousou as mãos em cima da folha. Depois esboçou um sorriso ridículo, com o olhar fixo em Thomas.

Quando por fim Thomas falou, apercebeu-se de que não o fazia há várias semanas, pois a voz soou-lhe um pouco rouca:

— Só será um bom dia se me deixar sair daqui.

A expressão do rosto do homem não revelou qualquer alteração.

— Sim, sim, eu sei. Não te preocupes, hoje vais receber muitas notícias boas. Acredita em mim.

Thomas pensou nas palavras do homem, envergonhado por se ter deixado entusiasmar, ainda que por escassos segundos. Já devia saber como era.

— Notícias *boas*? Mas vocês não nos tinham escolhido porque achavam que éramos inteligentes?

O Homem Rato permaneceu em silêncio por uns segundos, antes de responder.

— Inteligentes, sim. Entre outras coisas mais importantes. — Fez uma pausa e estudou o rosto de Thomas antes de continuar: — Julgas que nos dá algum *prazer* fazer isto? Julgas que *gostamos* de vos ver sofrer? Isto foi tudo por uma razão e em breve fará todo o sentido para ti. — A intensidade da voz dele tinha aumentado até ele ter praticamente gritado a última palavra, o rosto agora enrubescido.

— Ena — replicou Thomas, sentindo-se cada vez mais despedido. — Tenha lá calma, velhote. Parece estar à beira de um ataque cardíaco. — Sabia-lhe bem deixar essas palavras fluir de dentro dele.

O homem levantou-se da cadeira e debruçou-se sobre a secretária. As veias do seu pescoço estavam tão inchadas que mais pareciam cordas retesadas. Tornou a sentar-se, devagar, e respirou fundo uma série de vezes.

— Seria de esperar que quase quatro semanas enfiado neste buraco branco te tivessem deitado abaixo. Mas pareces mais arrogante do que nunca.

— Vai dizer-me que não estou louco, é? Que não tenho o Fulgor e que nunca tive? — Thomas não se conseguia conter. A raiva crescia dentro dele até ele sentir que estava prestes a explodir. Mas forçou a voz a soar mais calma: — Foi isso que manteve a minha sanidade mental durante este tempo todo. No fundo sei que mentiram à Teresa, que isto não é senão mais um dos vossos testes. Então onde é que tenho de ir a seguir? Vão enviar-me para a traca da Lua? Fazer-me atravessar o mar em cuecas? — Esboçou um sorriso para reforçar as suas palavras.

O Homem Rato fitara-o inexpressivamente durante toda a argumentação dele.

— Já terminaste?

— Não, não terminei. — Há vários dias que esperava uma oportunidade para falar, mas agora que a tinha finalmente a sua mente estava vazia. Esquecera-se de todos os panoramas que congeminara na sua mente. — Eu... Quero que me conte tudo. E já.

— Oh, Thomas... — O Homem Rato falou em voz baixa, como se estivesse a dar uma má notícia a uma criança. — Nós não te mentimos. Tu contraíste *realmente* o Fulgor.

Thomas foi apanhado de surpresa; o calor da sua raiva foi trespassado por um arrepio de frio. Continuaría o Homem Rato a mentir, interrogou-se ele. Mas encolheu os ombros, como se a notícia fosse algo que sempre suspeitasse.

— Pois, mas ainda não comecei a enlouquecer. — A dado momento, depois de tanto tempo passado a atravessar a Terra Queimada, a conviver com Brenda, rodeado de Crankos, ele aceitara o facto de que acabaria por contrair o vírus. Mas convencera-se de que para já estava bem. Ainda mantinha a sua sanidade mental. E, de momento, era tudo o que importava.

O Homem Rato suspirou:

— Tu não compreendes. Não percebes o que vim aqui dizer-te.

— Porque é que hei de acreditar numa única palavra que saia dessa sua boca? Como é que ainda espera que isso aconteça?

Thomas apercebeu-se de que se tinha levantado, embora não se lembrasse de o ter feito. O peito dele arfava com uma respiração ofegante. Tinha de se controlar. O olhar do Homem

Rato era frio; os olhos dele faziam lembrar lagos negros. Independentemente de o homem estar a mentir-lhe ou não, Thomas sabia que tinha de o escutar se queria sair daquele quarto branco. Forçou a respiração a abrandar. Ficou à espera.

Após vários segundos de silêncio, o seu visitante continuou:

— Sei que te mentimos. Várias vezes. Fizemos-te coisas terríveis, a ti e aos teus amigos. Mas foi tudo parte de um plano com o qual não só concordaste como também ajudaste a conceber. Tivemos de ir um pouco mais longe do que o inicialmente previsto, quanto a isso não restam dúvidas. No entanto, foi tudo feito de acordo com o que os Criadores planearam, com o que *tu* planeaste no lugar eles, depois de eles terem sido... eliminados.

Thomas abanou lentamente a cabeça; sabia que tinha estado envolvido com aquela gente, de alguma maneira, mas a ideia de sujeitar alguém àquilo por que ele passara era-lhe totalmente incompreensível.

— Não respondeu à minha pergunta. Como é que ainda espera que acredite em si? — Recordava-se de mais coisas do que estava a deixar transparecer, claro. Apesar de a janela para o seu passado estar coberta de sujidade, revelando pouco mais do que uns vislumbres esborratados, ele sabia que tinha trabalhado com a CRUEL. Sabia que Teresa também e que ambos ajudaram a construir o Labirinto. Além de que tinha tido outros *flashes* de memória.

— Porque, Thomas, não adianta esconder-te nada — respondeu-lhe o Homem Rato. — Agora já não.

Thomas sentiu um cansaço súbito, com se toda a energia se tivesse esvaído do seu corpo, deixando-o vazio. Deixou-se cair no chão com um forte suspiro. Depois abanou a cabeça.

— Nem sequer sei o que isso quer dizer. — De que adiantava conversar quando não se podia confiar nas palavras?

O Homem Rato continuou a falar, mas o tom de voz dele mudou; tornou-se menos distante e austero, mais professoral.

— É evidente que tens a noção de que existe uma doença terrível a corroer as mentes dos humanos do mundo inteiro. Tudo o que fizemos até aqui foi calculado com um único propósito: analisar os padrões dos vossos cérebros e criar um diagrama a

partir dos mesmos. O objetivo é utilizar esse diagrama para desenvolver uma cura para o Fulgor. Quanto às vidas que se perderam, à dor e ao sofrimento, vocês tinham a perfeita noção do que estava em jogo. Todos nós tínhamos, aliás. Foi tudo feito com o intuito de garantir a sobrevivência da raça humana. E estamos muito perto disso. Muito, muito perto.

Thomas fora acometido por recordações em várias ocasiões. A Transformação, os sonhos que tinha tido desde então, imagens aqui e ali, como pequenos relâmpagos dentro da sua cabeça. E, nesse momento, ouvindo o homem de fato branco a falar, ele sentia-se como se estivesse num precipício, com as respostas prestes a emergir das profundezas para ele as ver na íntegra. A vontade de agarrar essas respostas era quase demasiado forte para suportar.

Porém, ele continuava desconfiado. Sabia que tinha feito parte de tudo, que tinha ajudado a desenhar o Labirinto, que tinha assumido o controlo depois de os Criadores originais terem morrido e que tinha dado continuidade ao programa com novos recrutas.

— Lembro-me do suficiente para sentir vergonha de mim próprio — admitiu ele. — A realidade é que passar por este tipo de maus-tratos é muito diferente de planeá-los. Não está certo.

O Homem Rato coçou o nariz e mexeu-se na cadeira. Thomas tinha dito algo que o afetara.

— Veremos o que pensas no final do dia de hoje, Thomas. Veremos. Mas deixa-me fazer-te uma pergunta: estás a dizer que não é correto sacrificar a vida de meia dúzia para salvar a vida de milhares? — Mais uma vez, o homem falou com emoção, inclinando-se para a frente. — É um axioma muito antigo, mas não achas que o fim justifica os meios? Quando não há outra solução?

Thomas limitou-se a olhá-lo fixamente. Tratava-se de uma pergunta para a qual não havia uma boa resposta.

O Homem Rato esboçou um sorriso que mais pareceu um esgar.

— Não te esqueças de que em tempos acreditaste nisso, Thomas. — Ele começou a recolher os papéis como se se fosse

embora, mas não se mexeu do lugar. — Vim aqui dizer-te que está tudo a postos e que a nossa informação está quase completa. Estamos à beira de algo fantástico. Assim que tivermos o diagrama, podes ir fazer queixinhas aos teus amigos por termos sido tão injustos.

Thomas tinha vontade de atacar o homem com palavras duras. Mas conteve-se.

— E como é que torturar-nos vos conduz a esse diagrama de que fala? O que é que mandar um grupo de miúdos, contra a vontade deles, para lugares terríveis e para assistir à morte de alguns, tem a ver com encontrarem a cura para uma doença?

— Tem *tudo* a ver. — O Homem Rato suspirou fortemente. — Em breve irás lembrar-te de tudo e estou convencido de que irás arrepender-te de muita coisa. Até lá, há uma coisa que precisas de saber e que talvez te faça ganhar juízo.

— O quê? — Thomas não fazia ideia nenhuma do que o homem iria dizer.

O visitante pôs-se de pé, alisou os vincos das calças e ajustou o casaco. Em seguida, uniu as mãos atrás das costas.

— O vírus do Fulgor está presente no teu corpo, mas não tem qualquer efeito sobre ti, nem nunca terá. Fazes parte de um grupo incrivelmente raro de pessoas. És *immune* ao Fulgor.

Thomas engoliu em seco, completamente mudo.

— Lá fora, nas ruas, chamam Munis a pessoas como tu — continuou o Homem Rato. — E têm-vos um ódio de morte.